O PAPEL DAS IRMANDADES LEIGAS NA DIFUSÃO DO BARROCO BRASILEIRO

Jayne Sousa Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0002-5765-231X
Endereço eletrônico: 202110225@uesb.edu.br

Roberto Silva de Oliveira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9383-851X
Endereço eletrônico: robertooliveira.uesb@gmail.com

Palavras-chave: irmandades; Barroco; sincretismo; arte.

INTRODUÇÃO

A arte sacra no Brasil Colonial não se dissocia das estruturas históricas e sociais que viabilizaram a sua sustentação. Longe de configurar uma mera imposição estética da metrópole portuguesa, o Barroco brasileiro desenvolveu-se de forma descentralizada por meio do mecenato exercido pelas irmandades leigas, associações de fiéis voltadas à devoção e ao auxílio mútuo que se converteram nos principais motores econômicos de encomenda artística e erguimento de templos.

O presente trabalho tem como objetivo analisar o papel desempenhado por essas confrarias na estruturação social e artística da colônia, investigando como diferentes grupos étnicos (negros, mestiços e brancos) financiaram a arquitetura sacra e a imaginária religiosa. Justifica-se a pesquisa pela necessidade de compreender o Barroco luso-brasileiro como um estilo co-construído pelas irmandades leigas na colônia. Propõe-se, assim, um foco analítico sobre a Festa de Nossa Senhora da Boa Morte, em Cachoeira (BA), exemplificar como as irmandades negras trouxeram novos significados a estética barroca ao fundir elementos do catolicismo com tradições de matriz africana.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica e de análise documental-visual de fontes primárias iconográficas contemporâneas. O corpus teórico-metodológico ancora-se no cruzamento de referenciais da história social da cultura, da sociologia das religiões e da história da arte. Utilizou-se o método comparativo regional para identificar as especificidades da difusão barroca nas capitanias da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Adicionalmente, procedeu-se à análise iconográfica e descritiva dos rituais fúnebres e festivos da Irmandade da Boa Morte, avaliando as conexões entre a cultura visual barroca europeia e as ressignificações de matriz africana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados levantados demonstram que as irmandades leigas operavam como redes coloniais de proteção social em um ambiente cindido pela escravidão, garantindo assistência médica e enterros dignos. Como destaca João José Reis em sua obra “A morte é uma festa”:

> Os luxos dos caixões, dos panos funerários, a quantidade de velas queimadas, o número de missas rezadas… tudo isso compunha a performance da morte barroca, que as irmandades financiavam com rigor. (Reis, 1991, p. 112).

A segmentação dessas corporações por critérios de cor e classe (como a Misericórdia para elites brancas, e o Rosário e a Boa Morte para negros e pardos) gerou uma competição simbólica que elevou a sofisticação da estética barroca no Brasil. Economizava-se e gerenciava-se a fé: o fluxo de capital inicial das joias de admissão e das anuidades sustentava os direitos assistenciais; já o mecenato artístico extraordinário provinha de esmolas de mordomagem, legados testamentários e do trabalho de ganho de escravizados. A contratação de artífices e pintores pela Mesa Regedora dava-se por leilões públicos (arrematação), o que garantia flexibilidade estética e maior liberdade criativa se comparada ao rigor das ordens regulares.

No foco específico da Festa da Boa Morte em Cachoeira (BA), os resultados evidenciam uma "performance barroca total". O rito dramatiza a dualidade entre vida e

morte: o luto dos dias 13 e 14 de agosto utiliza uma escultura processional de vestir (imagem de roca), com cabelo natural e indumentária em cetim e seda, inserindo o fiel em uma cenografia teatral e fúnebre voltada à piedade popular. Em uma análise aprofundada sobre as esculturas processionais, Flexor (2005, p. 166) demonstra que:

> [...] nessas cenas de procissão, dominavam, sobretudo, as imagens de roca e/ou as de vestir, que possibilitavam expressões e gestos teatrais e permitiam a comunicação direta com os acompanhantes. A possibilidade de mudar a roupagem e os gestos das imagens se coadunavam perfeitamente com a teatralidade barroca e com o que as cenas pediam. Essa prática remontava a Idade Média quando, nas teatralizações das vidas dos Santos, a Igreja tomou emprestado, do teatro de marionetes, o uso de bonecos, vestidos de acordo com a cena que representavam. Recuperado aquele tipo de encenação pelo teatro de ópera, no século XVI europeu, as cenas, caracteristicamente, uniam a visão e a audição ao sentimento e à ilusão.

Os fiéis então, nessa atmosfera, reviviam a Morte e a Assunção de Maria celebrada no dia 15 como o ápice da festa, onde as irmãs envergam becas de gala e joias de crioula, culminando no samba de roda profano dos dias subsequentes. Esse fenômeno atesta o dinamismo do sincretismo conceitual, no qual os símbolos católicos são reinterpretados sob a lógica da ancestralidade e das comunidades de terreiro.

CONCLUSÕES

As irmandades leigas consolidaram-se como as verdadeiras protagonistas do cenário artístico no Brasil Colonial. Ao subsidiar templos, retábulos e ritos, os setores subalternizados da sociedade converteram uma linguagem estética europeia em um instrumento de afirmação social, poder político e resistência cultural. O Barroco popular brasileiro estabeleceu, assim, as bases da identidade visual e do patrimônio nacional. A permanência contemporânea da Festa da Boa Morte e seu consequente registro como Patrimônio Imaterial coroam o esforço secular de preservação e ressignificação conduzido pelo protagonismo dessas associações.

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Pioneira, 1971.

CASTRO, Armando Alexandre Costa de. Irmãs de fé: tradição e turismo no Recôncavo Baiano. CULTURA - **Revista de Cultura e Turismo**, ano 2, n. 1, jan. 2008.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. Imagens de roca e de vestir na Bahia. Revista Ohun – **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBA**, Salvador, ano 2, n. 2, p. 165–184, out. 2005. ISSN 1807-5479

LUKÁCS, Georg. **Introdução a uma estética marxista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. **Barroco e Rococó no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

REIS, João José. **A morte é uma festa:** ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REIS, João José. **Identidade e Diversidade étnica nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão.** Tempo, Rio de Janeiro, n. 3, p. 1-33, 1996.

RIBEIRO, Vanhise. **Tessituras da Fé**: Sacralidade e Estetização do Vestuário nas Festividades à Boa Morte. Cachoeira: UFRB, 2017.